

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA O ESTUDO DA PALAVRA-DISCURSO¹: RESPOSTAS A DOIS ENSAIOS DE MIKHAIL BAKHTIN

Amanda Maria de OLIVEIRA

Luana de Araujo HUFF

Rodrigo ACOSTA PEREIRA

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Resumo: Neste ensaio, objetivamos apresentar nossas reações-respostas a diferentes excertos reenunciados de dois ensaios assinados por M. Bakhtin, no conjunto da obra do Círculo, a saber, *Apontamentos de 1970-1971* e *Metodologia das Ciências Humanas*, ambos reunidos no escopo da Estética da Criação Verbal (BAKHTIN, 2003 [1979]). Para tanto, apresentamos excertos balizadores dos dois ensaios supracitados e nossas contrapalavras enquanto explicações possíveis à luz de encaminhamentos teórico-metodológicos para o estudo do discurso. Acreditamos que o presente ensaio não apenas colabora para as discussões atuais no que se tem denominado de Análise Dialógica de/do/do(s) Discurso(s), como, em adição, contribui para os encaminhamentos metodológicos de pesquisas em Linguística Aplicada de base sócio-histórica.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin. Estudo do discurso. Considerações teórico-metodológicas.

THEORETICAL-METHODOLOGICAL CONSIDERATIONS FOR THE STUDY OF THE DISCOURSE: RESPONSES TO TWO TESTS OF MIKHAIL BAKHTIN

Abstract: In this essay, we aim at presenting our reactions-responses to different excerpts re-published from two essays signed by M. Bakhtin in the Circle's work, namely *Apontamentos de 1970-1971* and *Metodologia das Ciências Humanas*, both brought together in the scope of Estética da Criação Verbal (BAKHTIN, 2003 [1979]). In order to do so, we present excerpts from the two above mentioned essays and our counterwords as possible explanations in the light of theoretical-methodological guidelines for the study of discourse. We believe that this essay not only contributes to the current discussions in what has been called Dialogical Analysis of the Discourse(s), but also contributes to the methodological orientations of researches in Applied Linguistics with socio-historical perspective.

Keywords: Bakhtin Circle. Discourse study. Theoretical-methodological considerations.

1 O termo *palavra-discurso* em diferença ao termo *palavra-sistema*.

CONSIDERACIONES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA EL ESTUDIO DE LA PALABRA-DISCURSO: RESPUESTAS A DOS ENSAYOS DE MIKHAIL BAKHTIN

Resumen: En este ensayo, objetivamos presentar nuestras reacciones-respuestas a diferentes extractos reenunciados de dos ensayos firmados por M. Bakhtin, en el conjunto de la obra del Círculo, a saber, *Apontamentos de 1970-1971* y *Metodologia das Ciências Humanas*, ambos reunidos en el ámbito de la *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 2003 [1979]). Para ello, presentamos extractos balizadores de los dos ensayos supracitados y nuestras contrapalabras como explicaciones posibles a la luz de encaminamientos teórico-metodológicos para el estudio del discurso. Creemos que el presente ensayo no sólo colabora para las discusiones actuales en lo que se ha denominado Análisis Dialógico de / del / de lo(s) Discurso(s), como, además, contribuye a los encaminamientos metodológicos de investigaciones en Lingüística Aplicada de base socio-histórico.

Palabras clave: Círculo de Bakhtin. Estudio del discurso. Consideraciones teórico-metodológicas.

INTRODUÇÃO

Neste ensaio, objetivamos discutir questões teórico-metodológicas para a análise do discurso sob a perspectiva dos estudos dialógicos, especificamente, *respondendo* (no sentido bakhtiniano do termo) aos escritos do Círculo, “Apontamentos de 1970-1971” e “Metodologia das Ciências Humanas”².

Para tanto, não deixaremos de entretecer uma discussão nos remetendo aos demais escritos de M. Bakhtin, V. Volochínov e P. Medviédev; contudo, o fio condutor da discussão serão os ensaios supracitados.

Ademais, cabe ressaltar neste momento, que nosso objetivo não é delinear um modelo e nem apresentar um roteiro prescritivo de leitura das obras mencionadas, mas propor uma discussão a partir de pontos-chave e/ou parâmetros (pelo menos consideramos como tais) a partir dos textos/ensaios supracitados a fim de construirmos caminhos possíveis de estudo do discurso sob um matiz enunciativo-discursivo, de escopo sócio-histórico-dialógico. Dessa

² Optamos por, ao longo dos excertos balizadores, utilizarmos as datas de escritura dos ensaios. Para o primeiro, utilizamos 1970-1971 e, para o segundo, por sua vez, 1930-1940. Quando nos utilizamos do ensaio sob o escopo da obra *Estética da Criação verbal*, utilizamos a data da 1ª edição, 1979. Essas opções foram tomadas a fim de que o leitor percorra a discussão, compreendendo os excertos balizadores (aos quais respondemos) e as explicações subsequentes (nossas respostas).

forma, nosso ensaio se organiza da seguinte forma: uso de citações³ e paráfrases⁴ dos supracitados ensaios (enumeradas em alíneas) como “excertos balizadores” e explicações sobre (com a retomada de outros textos do conjunto da obra do Círculo) com indicações das páginas em que se encontram nos referidos ensaios do Círculo (concernente à edição que estamos trabalhando no escopo desta discussão), como “respostas aos excertos balizadores”.

Em outras palavras, menções específicas das obras – por meio de citações diretas ou paráfrases - nas alíneas enumeradas (com uso de páginas específicas para posterior retomada pelo leitor) e nossas respostas⁵ a esses encaminhamentos.

2. EM TORNO DO ENSAIO “APONTAMENTOS DE 1970-1971”

Ensaio escrito, como o próprio título já especifica, entre o período de 1970 e 1971. Inacabado, com o tom de esboço, traz considerações acerca do que seria um olhar metalinguístico⁶ ao estudo da palavra (no sentido da palavra-discurso). Grosso modo, o ensaio reitera, em seu plano, a tese de que a *palavra*, como *palavra-discurso*, é sempre compreendida no contexto da comunicação social e investigada sob os pressupostos da Metalinguística. Em termos gerais, as considerações teórico-metodológicas ratificam os pressupostos de que

(1) no campo da Metalinguística, pertenceriam os diferentes tipos e graus da alteridade da palavra-discurso (p. 368). O estudo da linguagem deveria ser orientado para o estudo metalinguístico da vida do discurso (p. 368-369).

Em outros termos, o estudo da palavra-discurso ancora-se na intersubjetividade, nas relações entre sujeitos que, no interior das plurais situações de interação social, se inter-relacionam mediados pela língua(gem). A língua(gem), na forma material de enunciados, materialidade do discurso, não apenas medeia os sentidos possíveis como relativamente estabiliza tais sentidos à luz das reverberações ideológico-valorativas das esferas da atividade

³ As citações serão textualizadas com itálico, aspas duplas e referência completa.

⁴ As paráfrases serão textualizadas apenas com itálico e com as páginas em que a ideia/a explicação se encontra no escopo do ensaio.

⁵ No sentido bakhtiniano do termo.

⁶ No sentido bakhtiniano do termo, em especial, dado em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2008 [1963]).

humana nas quais as situações de interação se engendram. A vida do discurso, isto é, a língua(gem) viva e concreta que se produz, circula e é compreendida (responsável e responsabilmente), se entretetece organicamente nas ressonâncias semântico-ideológico-axiológicas das situações de interlocução, que, por sua vez, refletem e refratam os matizes das esferas das quais se integram. Com isso,

(2) a compreensão como ato responsivo frente a palavra-discurso de outrem (p. 369).

Isto é, todo discurso, e sua forma materializada, o enunciado, é sempre atravessado pelo enunciado outro, de outrem. Todo enunciado, como ato responsivo, responde verboaxiologicamente a enunciados já-ditos e pré-figurados (BAKHTIN, 1998 [1975]), que se consociam às projeções ideológico-apreciativas das situações de interações. Dessa forma, todo enunciado é sempre um elo na cadeia da comunicação verbal (BAKHTIN, 2003 [1979]). O enunciado, forma material da palavra-discurso, só tem sentido, ou seja, só tem tema (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2006 [1929]), quando entrecruzado aos enunciados outros.

A partir disso, podemos, dentre outras questões entender que todos os fenômenos e processos do discurso “[...] têm seus reflexos (resíduos) também no aspecto da língua, em especial na estrutura sintática e léxico-semântica [...] da língua”. (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 368). Além disso, como bem esclarece Bakhtin [Volochnikov] (2006 [1929], p. 152), “[...] a unidade da língua que é realizada na fala não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo”. E ainda completa, “a língua não existe por si mesma, mas somente em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta” (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2006 [1929], p. 160), isto é

(3) “Cada elemento do discurso é percebido em dois planos: no plano da repetitividade da língua e no plano da não-repetitividade do enunciado” (BAKHTIN, 2003 [1970-1971], p. 369).

No plano da significação, temos os elementos repetíveis do sistema da língua(gem). O que pode ser reiterado nos diferentes eixos (sintagmático e paradigmático) do próprio sistema. Por outro lado, no plano do sentido, do tema, temos a realização irreiterável, única e concreta, o sentido da enunciação. Assim, podemos entender que no estudo da palavra-discurso

imbricam-se não só as formas linguísticas (no sentido imanente do termo), mas, sobretudo, os matizes e ancoragens de sentido que tais formas assumem no interior das situações de interação social. Conforme explica Bakhtin [Volochínov] (2006 [1929], p. 134), “a significação é um aparato técnico para a realização do tema [...] não há tema sem significação, e vice-versa. [...] o tema deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade da significação [...]” Em suma, sentido (tema) e significação se completam na vida da palavra-discurso, pois somente “[...] a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz da sua significação.” (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2006 [1929], p. 137). Para tanto,

(4) o estudo da palavra-discurso implica o estudo do cronotopo e das projeções axiológico-ideológicas que se consociam ao sentido (ao tema) (p. 369).

O cronotopo possibilita a compreensão das relações entre sujeitos e os eventos espaço-temporais, ou seja, “para apreender a variedade de maneiras pelas quais se pode entender a relação das pessoas com o seu mundo [...] (MORSON; EMERSON, 2008, p. 383), nos enveredamos às portas do cronotopo da palavra-discurso.

Em termos gerais, o cronotopo nos possibilita entender, à luz do discurso, as diversificadas experiências de sujeitos na concretude do tempo e espaço das situações de interação das quais se engajam. Ademais, o estudo do cronotopo viabiliza a compreensão da relação entre discurso, eventos, sujeitos, história, cultura e sentidos (MORSON; EMERSON, 2008, p. 384-385). Mas também, todo discurso é saturado de projeções axiológico-ideológicas de avaliar a realidade. Como bem explica Medviédev (2012 [1928], p. 185), “de fato, é impossível, compreender um enunciado concreto sem conhecer sua atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa no meio ideológico. [...] a avaliação social determina todos os aspectos do enunciado [...]” Ou ainda, “no enunciado, cada elemento da língua tomado como material obedece às exigências da avaliação social. Apenas aquele elemento da língua que é capaz de satisfazer suas exigências pode entrar no enunciado.” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 185). Em síntese, cronotopo e valoração se consociam para o engendramento temático (de sentido) da palavra-discurso, permitindo que compreendamos que

(5) o estudo da palavra-discurso implica, sobretudo, o estudo da cultura. Esta entendida como aberta, em formação, não resolvida, capaz de morte e renovação e transcende a si mesma (isto é, vai além de seus limites) (p. 370).

A cultura, sob a perspectiva dos estudos dialógicos do Círculo, é sempre entendida na ancoragem do contexto de cada época. Cada época traz sentidos e valores, novas “profundidades semânticas” (BAKHTIN (2003 [1979], p. 365-366) que só podem ser entendidas no entretecer da histórica e da sociedade. Assim, para o estudo da palavra-discurso, toda cultura é única e não se funde e nem confundem umas as outras, isto é, “[...] cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade aberta, mas elas se enriquecem mutuamente.” No estudo da cultura, “[...] a distância é a alavanca mais poderosa da compreensão. A cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade [...] aos olhos de outra cultura.” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 366). A partir disso, podemos compreender que os enunciados, formas materiais da palavra-discurso, e suas formas típicas (os gêneros), nessa perspectiva, acumulam formas de visão, apreensão e compreensão de uma dada realidade e aspectos do mundo. Com isso, o trabalho de análise da palavra-discurso só se viabiliza à luz da enunciação, isto é,

(6) a unidade de estudo da palavra-discurso é o enunciado e não a oração. O enunciado como unidade da comunicação discursiva (cujas peculiaridades constitutivo-funcionais reverberam a situação de comunicação) e a oração como unidade convencional da língua-sistema (p. 371).

A oração está no plano da significação e o enunciado no plano do tema, do sentido. Ambos não se fundem, mas se integram, isto é, não podemos empreender uma análise da palavra-discurso sem nos endereçarmos ao estudo das formas léxico-gramaticais da língua(gem) e de suas projeções temáticas no interior das situações interativas. Bakhtin (2003 [1979]) traz diversas considerações a respeito, dentre elas, as peculiaridades constitutivo-funcionais que distinguem a oração (unidade convencional da língua) do enunciado (unidade da comunicação verbal). Todo enunciado se caracteriza pela (i) alternância dos sujeitos da fala (do discurso), pela (ii) expressividade (o tom apreciativo, de valor que satura os enunciados) e pela (iii) conclusibilidade (o relativo acabamento do enunciado) que se dá pelo imbricamento de três sub-instâncias: a exauribilidade semântico-objetal, a vontade discursiva do falante e as formas tipificadas do enunciado. Sob essa perspectiva, podemos dizer que todo

(7) estudo da palavra-discurso, a partir de sua forma materializada – o enunciado -, implica o estudo das relações dialógicas (p. 371)

As relações dialógicas são relações semântico-axiológicas que se entretecem na materialidade do enunciado, ou seja, relações de sentido e de índices sociais de valor (relações verboaxiológicas) que se engendram na enunciação e sofrem as reverberações sócio-ideológicas das situações de interação das quais medeiam. As relações dialógicas não se fundem com as relações lógicas, mas se integram a estas para a constituição e funcionamento das enunciações. Dessa forma,

Não pode haver relações dialógicas tampouco entre textos, vistos também sob uma perspectiva rigorosamente linguística. Qualquer confronto puramente linguístico ou agrupamento de quaisquer textos abstrai forçosamente todas as relações dialógicas entre eles enquanto enunciados integrais. (BAKHTIN, 2008 [1963]).

Segundo explica Bakhtin (2008 [1963]), as relações dialógicas podem ocorrer (i) no âmbito dos enunciados (quando se chocam duas posições verboaxiológicas); (ii) entre estilos de língua(gem) e dialetos sociais (quando entendidos como duas posições semântico-axiológicas) e (iii) entre enunciados (quando tomados como enunciados integrais, concretos). Portanto, todo estudo da palavra-discurso se ampara ao estudo das relações dialógicas, que, por conseguinte, também diz respeito ao

(8) “Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros, com sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo” (BAKHTIN, 2003 [1970-1971], p. 373-374).

O estudo da palavra-discurso é da ordem das relações entre sujeitos (embora haja estudos que compreendem outras relações) (p. 374). As relações entre sujeitos – relações pessoais, relações dialógicas entre enunciados, relações éticas (por serem responsáveis e responsáveis). Sob essa perspectiva, o sujeito é caracterizado na sua concretude, integridade, responsividade, inesgotabilidade, inconclusibilidade e abertura (p. 374).

O estudo do sujeito e das relações que engaja/estabelece com outrem, na alteridade/outridade, permite-nos entender que (i) todo sujeito é sempre atravessado pela

alteridade; (ii) todo sujeito constitui-se por um excedente de visão – um distanciamento exotópico; (iii) que todo sujeito constitui-se a partir da relação intersubjetiva com o outro no interior de plurais situações de interação social; (iv) todo sujeito relaciona-se com o outro a partir de horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidentes; (v) todo sujeito é singular, pois todo sujeito é único e insubstituível; (vi) todo sujeito é responsável, uma vez que é responsável pelo seu projeto de dizer; (vii) todo sujeito é cronotópico, pois sempre ocupa um tempo e um espaço únicos; (viii) todo sujeito é inconcluso, todo sujeito está em construção contínua; (ix) todo sujeito é um sujeito em devir, aberto a possibilidade de transformação. Com isso, o estudo da palavra-discurso, atravessada pelo estudo do sujeito em sua alteridade constitutiva, é da ordem da compreensão responsiva, ou seja,

(9) o estudo da palavra-discurso é da ordem da compreensão: “compreender o texto tal qual o próprio autor de dado texto o compreendeu. Mas a compreensão pode e deve ser melhor” (BAKHTIN, 2003 [1970-1971], p. 377). A compreensão do texto é ativa e criadora. É um processo de co-criação dos sujeitos (p. 377-378). A compreensão é sempre axiológica (avaliativa).

É impossível uma compreensão sem avaliação. Não se pode separar compreensão e avaliação: elas são interpenetráveis e constituem um ato único integral (p. 378). A compreensão é encontro (p. 378). A compreensão da palavra-discurso se dá na confluência entre o que é repetível (significação) e o que é irrepitível (sentido/tema). Esses dois momentos devem estar fundidos indissolúvelmente no ato vivo da compreensão (p. 378).

O estudo da palavra-discurso é sempre uma resposta. Aquilo que não responde a nenhuma pergunta não tem sentido para nós. A índole responsiva do sentido.

“O sentido sempre responde a certas perguntas. Aquilo que nada responde se afigura sem sentido para nós, afastado do diálogo” (BAKHTIN, 2003 [1970-1971], p. 381).

Disso compreendemos a diferença entre sentido e significação. (p. 381).

O estudo da palavra-discurso é o estudo do sentido. O sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido. Não pode haver sentido em si mesmo, pois o sentido só existe para o outro sentido (p. 382).

Como já tratado nos itens supracitados, a compreensão está no plano do sentido (do tema) e não da significação. Dessa forma, “compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. [...] Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra.” (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2006

[1929], p. 137). Portanto, a contrapalavra, isto é, a reação-responsiva do sujeito em relação à palavra-discurso de outrem constitui, por assim dizer, a materialidade da compreensão.

(10) o estudo da palavra-discurso deve envolver o sujeito da palavra-discurso (o falante, o homem, o sujeito do discurso, o autor do enunciado). A linguística da imanência conhece apenas o sistema da língua, desconsidera o falante (p. 382). O estudo da palavra-discurso é um estudo de antropologia filosófica. É o estudo das relações entre o eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim. O eu esconde-se no outro e nos outros, quer ser apenas outro para os outros, entra até o fim no mundo dos outros como outro, livra-se do fardo de eu único (eu-para-si) no mundo [o subjetivismo idealista] (p. 383). O estudo da palavra-discurso é um estudo dialógico. Além disso, é um estudo que considera o contexto (p. 383). O estudo da palavra-discurso não pode ser/estar separado do sujeito-falante, de sua situação, de sua relação com o interlocutor, o sujeito-ouvinte, e das situações que os vinculam (p. 384).

O estudo da palavra-discurso, sob um matiz dialógico, pode ser caracterizado por um estudo de filosofia antropológica, não apenas por considerar o estudo da língua(gem) de um sujeito real, concreto, único e engendrado às diferentes relações interlocutivas, como, sobretudo, por trazer encaminhamentos analíticos que não se enquadram a categorias matemáticas ou naturais de ordem metodológica.

É o estudo do discurso nas relações que medeia. E essas relações não são objetificadas, mas relações intersubjetivas, isto é, “[...] relações entre consciências, verdades, influências mútuas, a sabedoria, o amor, o ódio, a mentira, a amizade, o respeito, [...]” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 374), relações personificadas e não coisificadas. Relações amparadas e atravessadas pela intermediação semântica de dizeres do eu e do outro. Do seu encontro.

Em conclusão, assim como iniciamos nossas reflexões nesta seção, compreendemos que o estudo da palavra-discurso é de natureza, portanto, metalinguística, que envolve a língua, o discurso, a comunicação discursiva, o enunciado e as especificidades da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 389). *O estudo da palavra-discurso é o estudo do homem que fala e a quem se fala* (p. 390).

3. EM TORNO DO ENSAIO “METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS HUMANAS”

O segundo ensaio aqui reenunciado foi escrito entre o final da década de 1930 e início da década de 1940, com título original de “Os fundamentos filosóficos das ciências humanas”. Apesar de ter sofrido cortes em publicações anteriores, algumas partes suprimidas foram recuperadas em reedições de *Estética da Criação Verbal*. Em “Metodologia das Ciências Humanas”, Bakhtin (2003 [1979]) reflete a respeito do que distingue o objeto de estudo das ciências humanas do objeto das ciências naturais, focalizando as especificidades da metodologia de estudo daquela. Possivelmente, esse paralelo se dá em virtude de as concepções de linguagem e do seu estudo, para o Círculo, não coadunarem com as teorias formalistas e estruturalistas, abordagens de caráter técnico-científico da linguagem cujo sistema de regras emergia da própria língua, como um sistema fechado e autônomo.

O ponto de partida escolhido por Bakhtin é a relação entre pesquisador e objeto:

(11) [O conhecimento da coisa e o conhecimento do indivíduo. Cabe caracterizar os dois como limites: [nas ciências naturais] a pura coisa morta, dotada apenas de aparência, só existe para o outro e pode ser totalmente revelada por um ato unilateral do outro (o cognoscente). [...] Aqui [nas ciências humanas] o cognoscente não faz a pergunta a si mesmo nem a um terceiro em presença da coisa morta, mas ao próprio cognoscível (BAKHTIN, 2003 [1930-1940], p. 393-394).

Para Bakhtin (2003 [1979]), o limite entre as ciências humanas e as ciências naturais reside, fundamentalmente, na forma pela qual o pesquisador aborda o seu objeto: se o encara como coisa morta, que nada tem a dizer, inerte ou se o encara como outra consciência capaz de responder ao ato cognoscente. Assim, para ele, nas ciências naturais, o objeto é coisificado, e, por conseguinte, passível de ser revelado univocamente, isto é, não dialoga com o pesquisador, é apenas determinado a partir do seu olhar. Esse objeto é sempre uma abstração, um momento/uma parte do objeto real, que, sob a ótica dessas teorias, representaria, em uma situação ideal e sob o crivo do método correto, a totalidade exata do objeto. Distintamente, para Bakhtin (2003 [1979], p. 312), “as ciências humanas são as ciências do homem em sua especificidade, e não de uma coisa muda ou um fenômeno natural. O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que

potencial)”. O objeto estudado nas ciências humanas é, portanto, dialógico, ativamente participante e individual, só se mostra ao pesquisador no contato com ele e nessa relação, do sujeito cognoscente com o cognoscível; importa mais a profundidade das reflexões do que a exatidão de um método:

(12) “Aí o critério não é a exatidão do conhecimento, mas a profundidade da penetração” (BAKHTIN, 2003 [1930-1940], p. 394)

Se o objeto das ciências humanas não é um corpo morto, mas um “ser expressivo e falante” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 395), sua natureza é dialógica e só se revela nesse contato entre pesquisado e pesquisador. Aqui, portanto, importa a profundidade desse diálogo na interação entre pesquisador e pesquisado, é dessa relação de alteridade que ocorre a produção de sentido – o conhecimento-penetração. Sobre isso, Bakhtin (2003 [1979]) fala que nenhum sentido se esgota, pois há sempre um potencial de sentidos possíveis, e é essa relação estabelecida com o objeto das ciências humanas que possibilita a não-finalização de sentidos, que permite a compreensão ativa do pesquisador em relação ao pesquisado, e não apenas sua identificação.

Uma vez que os sentidos não se esgotam de revelar-se no diálogo, não pode haver precisão, pois esta decorre da palavra final - ausente nas ciências humanas. Em última análise, o que é imprescindível nas ciências naturais – a exatidão – impediria os estudos nas ciências humanas, visto que a exatidão só é possível quando apagados os elementos vivos e responsivos do objeto. De outra ponta, o desejo de totalidade e profundidade, tão caro às ciências humanas, inviabilizaria os limites precisos das ciências naturais.

Essa relação do cognoscente com o cognoscível é um ato bilateral complexo, em que não só o objeto exterior se abre à interioridade do pesquisador, mas em que, também, a interioridade do pesquisador não cessa de se deixar penetrar pela exterioridade do objeto em um movimento dinâmico em que a compreensão ativa só é possível quando a palavra é prehe de resposta. Bakhtin (1998 [1975]) explica que, na comunicação discursiva, toda compreensão concreta é ativa e requer uma resposta, uma compreensão dinâmica e interessada. É nesse contato entre consciências, entre sujeitos, que se constrói um horizonte de sentidos possíveis:

“a compreensão ativa, somando-se àquilo que é compreendido no novo círculo do que se compreende, determina uma série de inter-relações complexas, de consonâncias e multissonâncias com o compreendido, enriquecendo-o de novos elementos” (BAKHTIN, 1998 [1975]).

Há no contato de duas consciências, portanto, mais que a língua que medeia essas relações e mais que o corpo físico do sujeito pesquisado; há os elementos que circunscrevem uma interação e que devem ser considerados a fim de se alcançar o aprofundamento necessário das ciências humanas, como nos lembra Bakhtin:

(13) “O indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio. A interação do horizonte do cognoscente com o horizonte do cognoscível. Os elementos da expressão (o corpo não como materialidade morta, o rosto, os olhos, etc.); neles se cruzam e se combinam duas consciências (a do eu e a do outro); aqui eu existo para o outro, com o auxílio do outro” (BAKHTIN, 2003 [1930-1940], p. 394).

Assim, ao entrarem em diálogo, pesquisador e pesquisado, trazem para a interação seus horizontes apreciativos/valorativos (suas convicções, crenças, preconceitos) que devem ser considerados, avaliados, estudados. Dessa feita, a pesquisa não só revela o objeto, como também, de certa forma, o próprio pesquisador, que transparece por meio de seu posicionamento crítico-teórico, de suas crenças e mesmo de suas escolhas de pesquisa, de sua compreensão e sua interpretação do mundo. Nas ciências humanas, interessa a língua e o corpo, mas interessam também os discursos, as entonações, o meio social, o espaço-tempo da consciência pesquisada e sua relação com outros espaços-tempos que permitem ao pesquisador produzir sentido. Contudo, essa relação que nos permite conhecer o outro, penetrar o seu horizonte apreciativo, não deve ser de pura empatia, de apenas se colocar no lugar do outro. O que assegura o conhecimento-penetração é o retorno do pesquisador ao seu próprio horizonte apreciativo:

(14) “A penetração no outro (fusão com ele) e a manutenção da distância (do meu lugar), manutenção que assegura o excedente de conhecimento” (BAKHTIN, 2003 [1930-1940], p. 394-395).

O *excedente de visão* (ou de conhecimento, conforme citação anterior) nasce da não-coincidência de duas consciências (sejam de dois sujeitos diferentes ou de um mesmo sujeito em cronotopos distintos) que se penetram e se distanciam. Quando contemplamos o outro, nossos horizontes concretos não coincidem, pois sempre sabemos algo acerca do outro que ele mesmo não tem acesso sem a relação eu-outro. Do mesmo modo, o excedente de conhecimento é o resultado do conhecimento-penetração do pesquisador no objeto e seu posterior retorno ao distanciamento original, permitindo que o pesquisador produza sentidos, desde o seu lugar teórico, revelando realidades do objeto que o próprio não poderia revelar de si. Se não houvesse o retorno do pesquisador ao seu lugar, se essa contemplação do outro não fosse feita a partir de certo distanciamento, não seria possível esse excedente de visão que permite um relativo acabamento do ser cognoscível. Assim, “[...] a compenetração deve ser seguida de um retorno a mim mesmo, ao meu lugar fora do sofredor, e só deste lugar o material da compenetração pode ser assimilado em termos éticos, cognitivos ou estéticos [...]” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 24).

A dinâmica desse movimento de compenetrar e afastar-se implica na própria mobilidade do horizonte cognoscível, uma vez que a própria realidade do pesquisador já não é a mesma no seu ato de retorno. Do mesmo modo, o objeto nunca se esgota de reenunciar-se a propósito da relação com o pesquisador.

(15) “O objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (BAKHTIN, 2003 [1930-1940], p. 395).

Ou seja, de acordo com Bakhtin (2003 [1979]), o objeto das ciências humanas não está acabado ou morto, como ocorre nas ciências naturais. Ele participa ativamente na interação concreta e, portanto, responde ao outro e o questiona. A exatidão pretendida pelas ciências naturais implica sempre uma representação, um apagamento da singularidade do objeto, ou uma totalidade na qual o objeto sempre irá coincidir consigo mesmo. De outra via, no objeto das ciências humanas o ser (revelado nos objetos da cultura, nos enunciados, nas artes, etc.) não coincide consigo mesmo, ele pode sempre construir sentidos outros (em relação aos discursos e a si mesmo), há o potencial do devir, uma vez que “ao olharmos para nós mesmos com os olhos do outro, na vida sempre retornamos a voltar para nós mesmos, e o último

acontecimento, espécie de resumo, realiza-se em nós nas categorias da própria vida” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 14).

É por esse motivo que não cabe transferir para as ciências humanas as mesmas categorias materiais das ciências naturais, pois a cada relativo acabamento que lhe dou, a partir do retorno ao meu horizonte apreciativo, o ser se modifica, já não cabe mais nas categorias em que o examinei, pois respondeu ao meu enunciado e produziu outros sentidos. Conforme visto na seção anterior, o sentido é inesgotável, pois é sempre renovado no uso da palavra e no enfrentamento com dizeres outros no plano do sentido, uma vez que “dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica”. Daí a necessidade do não silenciamento desse objeto, do diálogo e do conhecimento-penetração.

(16) As Ciências Humanas não operam com a exatidão, mas com a insondabilidade. A exatidão pressupõe a coincidência da coisa consigo mesma (reificação, objetivismo) (p. 395).

A exatidão característica das ciências naturais não é possível de ser alcançada nas ciências humanas pela própria natureza dos estudos. Lidar com o homem em sua especificidade é entender que “a atitude humana é um texto em potencial e pode ser compreendida (como atitude humana e não ação física) unicamente no contexto dialógico da própria época (como réplica, como posição semântica, como sistema de motivos)” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 312) e a ela não cabem identificações e categorias, mas a busca pela compreensão.

Assim, o pesquisador das ciências humanas não busca categorizar e determinar definitivamente seu objeto; ele busca compreendê-lo. Para Bakhtin (1998 [1975]), na vida real do discurso falado, toda compreensão concreta é ativa. Toda compreensão está indissolúvelmente ligada a uma resposta, pois é esta que permite a compreensão de maneira dinâmica e interessada em um contexto preñado de conteúdo expressivo. Toda palavra requer compreensão e resposta ativas do outro, pois a identificação dessa palavra fora da comunicação discursiva objetifica e finaliza essa palavra. Nessa medida, como na vida, o encontro entre sujeitos, entre consciências, é emoldurado por um contexto dialógico e

somente vive nessas condições: “O encontro dialógico de duas consciências nas ciências humanas. A molduragem do enunciado do outro pelo contexto dialógico” (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 329). Ademais, apesar de ser um processo único, a compreensão pode ser desmembrada em atos particulares, conforme afirma Bakhtin (2003 [1979], p. 398):

(17) “A Compreensão. Desmembramento da compreensão em atos particulares. Na compreensão efetiva, real e concreta, eles se fundem indissolúvelmente em um processo único de compreensão, porém cada ato particular tem uma autonomia semântica ideal e pode ser destacado do ato empírico concreto” (BAKHTIN, 2003 [1930-1940], p. 398).

Isto é, Bakhtin (2003 [1979]) entende que, apesar de ser um movimento indissolúvel, é possível desmembrarmos a compreensão em momentos abstratos, desde a percepção fisiológica até a resposta a essa palavra. Conforme discutido na seção anterior, toda palavra-discurso carrega significado e sentido, e só existe enquanto realização concreta tanto da dimensão dos elementos repetíveis da língua (significado), quanto na projeção de sentidos possíveis, sendo que a compreensão não seria possível se eliminássemos a dimensão do significado, dos elementos repetíveis da língua. Nesse matiz, a apreensão passiva do significado é um dos momentos necessários do movimento de compreensão da palavra do outro, mas é uma abstração “da compreensão responsiva real e plena” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 271-272)

Não há como chegar à compreensão efetiva de um enunciado se não formos capazes de ouvir/ver/sentir seus sons/imagens; reconhecê-los como um signo que faz parte de uma linguagem e que eu sou capaz de decodificá-lo (conheço a linguagem a ponto de reconhecer seu significados sócio-historicamente estabilizados); consigo organizar esses vários signos e seus significados de modo que façam sentido no contexto de interação; compreendo ativamente e portanto respondo axiologicamente aos sentidos construídos na interação entre minha consciência e a consciência do outro com um novo enunciado. Esses momentos da compreensão, entendidos como abstração da compreensão real, nos revelam os movimentos necessários para a compreensão dos sentidos de um enunciado. São esses sentidos que as Ciências Humanas devem buscar no seu objeto, como já dissemos, pois

(18) “É impossível dissolver o sentido em conceitos. O papel do comentário. Pode haver uma racionalização relativa do sentido (a análise

científica habitual), ou um aprofundamento do sentido com o auxílio de outros sentidos (a interpretação artístico filosófica). O aprofundamento mediante a ampliação do contexto distante.” (BAKHTIN, 2003 [1930-1940], p. 399)

Neste parágrafo, Bakhtin parece estar reforçando a não conformidade dos sentidos às definições estanques, isto é, podemos tecer um comentário como resposta a um enunciado na tentativa de compreender seus sentidos, mas não podemos conformá-lo a uma única possibilidade de significação; podemos ampliar seus sentidos construindo novos enunciados - e, portanto, novos sentidos - ampliando seus contextos para além do pequeno tempo (o momento da interação); e se nada disso estava prescrito nos padrões das ciências exatas, Bakhtin (2003 [1979]) rebate: “A interpretação dos sentidos não pode ser científica, mas é profundamente cognitiva” (p. 399).

(19) “Historicidade. Imanência. Fechamento da análise. A questão dos limites do texto e do contexto. Cada palavra do texto leva para além dos seus limites” (BAKHTIN, 2003 [1930-1940], p. 400).

A potencialidade de sentidos do objeto requer um relativo acabamento, isto é, uma palavra que atribua certa conclusibilidade ao pensamento, pois assim se faz necessário ao saber científico, melhor dizendo, conclusisse em determinadas condições, sob um determinado panorama em função dos próprios limites inerentes a toda pesquisa. Enquanto enunciado, contudo, o objeto não cessa de produzir sentidos, pois os limites do enunciado, conforme afirmado anteriormente, são os já-ditos e os pré-figurados, isto é, as palavras outras acerca do mesmo objeto de discurso e as possíveis reações-resposta a esses discursos. São esses limites da palavra que projetam determinados sentidos, mas ao mesmo tempo não reduzem o texto a um objeto morto nem o silenciam. Para chegar ao conhecimento-penetração do objeto vivo, é preciso compreender os textos como textos-enunciados, que não se fecham em si, mas que são um elo na cadeia discursiva⁷.

⁷ Nesse ponto do ensaio que viemos reenunciando aqui, Bakhtin parece determinar o texto-enunciado como o objeto de estudo em questão, como se encaminhasse a discussão para a defesa do seu ponto de vista em relação ao estruturalismo e ao formalismo; aquilo que ele vinha definindo em linhas gerais para os objetos das ciências humanas, passa a ser empregado mais especificamente para o texto-enunciado e, em última instância, se voltará para o texto literário. Para as finalidades deste artigo, manteremos o curso voltados ao texto-enunciado, mas não abrangearemos as especificidades da literatura.

(20) “O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientamos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de “oposição”, só possível no âmbito do texto (mas não do texto e dos contextos) [...]” (BAKHTIN, 2003 [1930-1940], p. 401).

A vida do texto existe justamente nesse contato com outros textos: uma palavra nunca é o último enunciado. Ela dialoga com palavras outras, concorda ou discorda, refuta ou reafirma esses dizeres outros, e, portanto, vive no inevitável contato com textos outros. Conforme Bakhtin (2008 [1963]), nenhuma ideia tem vida encerrada isoladamente. Nessas condições, a ideia degenera e morre, pois “somente quando contrai relações dialógicas essenciais com as ideias dos *outros* é que a ideia começa a ter vida, isto é, a formar-se, desenvolver-se, a encontrar e renovar sua expressão verbal, a gerar novas ideias” (BAKHTIN, 2008 [1963], p. 98). Se a compreensão do texto fica restrita a sua imanência, no significado de suas palavras isoladas, na estrutura textual, estaremos nos atendo apenas ao primeiro ato da compreensão, não há aprofundamento de não expandimos as relações do texto, se não consideramos o grande tempo no qual ele se insere e amplia seus sentidos. Só no contexto podemos compreender o tom emotivo-volitivo que compreendem os discursos e que são fundamentais para o aprofundamento em um texto-enunciado.

Só a palavra morta pode ser neutra, pode ser anônima, porque em última análise ela não foi proferida por ninguém visto que é uma abstração.

(21) Todos os fenômenos de discurso são saturados de tons. O tom como contexto axiológico-emocional na nossa interpretação (p. 403).

Como afirma Volochínov (2013 [1930]), não escolhemos nossas palavras a partir de um dicionário, mas sempre do uso concreto no qual elas são impregnadas por valores, por tons dialógicos que atravessam essa palavra e dão este sentido e não aquele. De acordo com o autor, é com a entonação que a valoração se expressa de forma mais pura, é ela que relaciona a palavra diretamente com a vida, e fora dessas condições somente existe a oração, e não a palavra viva.

Se desprovida dessas tonalidades dialógicas, a palavra vira objeto morto. De acordo com Bakhtin (2003 [1979]), o que importa na palavra viva é a entonação, as tonalidades que atravessam a palavra concreta. Assim, todo enunciado se orienta para os fios ideológicos existentes, para os valores que atravessam determinado objeto, valoram-no e avaliam. Se separamos a palavra dos tons dialógicos que a atravessam, temos apenas o meio material, os elementos linguísticos que ficam somente existem enquanto tal. Nesse sentido, “a entonação estabelece um vínculo estreito entre a palavra e o contexto extraverbal: a entonação viva parece conduzir a palavra além das fronteiras verbais” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930] p. 81).

É somente quando participam ativamente do “diálogo social” (BAKHTIN, 1998 [1975]), p. 87), quando estabelecem uma relação dialógica com a palavra do outro, que as palavras revelam seu potencial de sentidos.

(22) “A coisa, ao permanecer coisa, pode influenciar apenas as próprias coisas; para influir sobre os indivíduos ela deve revelar seu potencial de sentidos, isto é, deve incorporar-se ao eventual contexto de palavras e sentidos” (BAKHTIN, 2003 [1930-1940], p. 404).

Ao mesmo tempo, a palavra não pode pertencer a um só sujeito, isto é, não vive numa só consciência, pois toda palavra sempre está em contato vivo com palavras outras; toda ideia dialoga com ideias outras. Conforme já dito, o potencial de novos sentidos só existe no contexto dialógico, no enfrentamento com sentidos outros e fora dessas condições, temos apenas a palavra morta. Nessa medida, “o pensamento humano só se torna pensamento autêntico, isto é, ideia, sob as condições de um contato vivo com o pensamento dos outros, materializando na voz dos outros, ou seja, na consciência dos outros expressa na palavra” (BAKHTIN, 2008 [1963], p. 98). Assim, Bakhtin (2003 [1979]) compreende que não existe primeira nem última palavra, e que não há limites para o contexto dialógico. Todo sentido se renova e vive no grande tempo, daí a posição contrária de Bakhtin (2003 [1979]) à existência de um só sujeito (o pesquisador) nas ciências naturais (ou, de forma mais específica, no estruturalismo) e o silenciamento do outro:

(23) “Minha posição em relação ao estruturalismo. É contra o fechamento no texto. As categorias mecanicistas [...]. Formalização coerente e despersonalização: todas as relações são de índole lógica.

Quanto a mim, em tudo ouço vozes e relações dialógicas [...]” (p. BAKHTIN, 2003 [1930-1940], 409-410)

Por fim, Bakhtin encerra as reflexões apontando sua posição em relação ao formalismo e ao estruturalismo. Como é recorrente nos textos bakhtinianos, ele não mostra defeitos, apenas indica as características de cada corrente argumentando os motivos pelos quais ele não coaduna com elas. O caminho traçado até aqui facilita a compreensão do porquê Bakhtin propõe um estudo da linguagem distinto daquele realizado pelo estruturalismo: para o autor, o estruturalismo parece estar mais para as ciências naturais que para as humanas, visto que tem um visão monológica do seu objeto de estudo: “no estruturalismo, existe apenas um sujeito: o próprio pesquisador. As coisas se transformam em conceitos (de um grau variado de abstração)” (p. 410).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ensaios aqui (re)lidos e (res)significados convergem para a discussão acerca da metodologia nas ciências humanas e as particularidades do estudo do discurso sob uma perspectiva dialógica. As discussões trazidas tanto nos ensaios discutidos quanto nos demais escritos do Círculo, com os quais também dialogamos nesse trabalho, não finalizam as possibilidades de estudos da linguagem, mas oferecem diretrizes que orientam o pesquisador que se encaminha para a pesquisa nas ciências humanas.

Sendo assim, a retomada desses ensaios e seu estudo a partir da perspectiva de um pesquisador que se insere nas ciências humanas que se envereda pelos estudos da língua(gem) fornece caminhos possíveis ao lidarmos com um objeto não silenciado e, portanto, não passível de um olhar unidirecional, mas que não são as únicas possibilidades. Dito de outro modo, os ensaios demonstram as particularidades da pesquisa nas ciências humanas, do objeto a ser estudado, da posição do pesquisador em relação a esse objeto, bem como da relação que se estabelece nesse contexto. Como afirma o próprio Bakhtin (2003 [1979]), nenhuma palavra é a última palavra a ser enunciada, nenhum dizer é a verdade que silencia qualquer outra resposta, daí também o próprio pesquisador-interlocutor dos escritos do Círculo também construir seu percurso. Isso porque

As ciências humanas são as ciências do homem em sua especificidade, e não de uma coisa muda ou um fenômeno natural. O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial). Onde o homem é estudado fora do texto e independente deste, já não se trata de ciências humanas (anatomia e fisiologia do homem, etc) (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 312).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al. 4. ed. São Paulo: UNESP; Hucitec, 1998 [1975].

_____. **Estética da Criação Verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

_____; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1963].

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução do russo por Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MORSON, G. S; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.

VOLOCHÍNOV, N. V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930].

Amanda Maria de OLIVEIRA

Possui graduação em Letras português/inglês pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2014) e mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é bolsista de Doutorado da Universidade Federal de Santa Catarina (CNPq).

Luana de Araujo HUFF

Possui graduação em Licenciatura em Letras port./inglês pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (2014) e mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2017). Atualmente é Assistente em Administração do Instituto Federal Catarinense. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: análise dialógica de/do discurso, prática de análise linguística, análise de livros didáticos e ensino de língua portuguesa

Rodrigo ACOSTA PEREIRA

Graduado em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas pela UFSM (CNPq). Mestre em Linguística, na área de concentração Linguística Aplicada, pela UFSC (CAPES). Doutor em Linguística, na área de concentração Linguística Aplicada, na UFSC (CNPq). Tem experiência na área de Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino e aprendizagem de língua materna na esfera escolar, formação de professores, análise de gêneros do discurso, análise dialógica do(s) discurso(s), escritos do Círculo de Bakhtin. Atualmente é professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, campus central de Florianópolis-SC. Atua na graduação e nos Programas de Pós-graduação em Linguística (PPGLg) e Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Membro do NELA - Núcleo de Estudos em Linguística Aplicada e do Grupo de Estudos no Campo Discursivo na UFSC e no Grupo de Pesquisa Práticas discursivas na contemporaneidade na UFRN. Membro do GT - Gêneros Textuais/Discursivos da ANPOLL.

Recebido em 19/10/2018 - Aceite em 24/01/2019